

Marco Paulo e companhia

Marco Paulo *and company*

Maria Helena Martins Inês Garvão¹;

¹E-mail: helenagarvao@gmail.com

Faculdade de Letras de Lisboa.

Resumo: A compilação Marco Paulo, impressa por Valentim Fernandes em 1502, reúne três textos que constituem testemunhos de viajantes medievais pelas Índias orientais: o Livro de Marco Polo (versão original de ca. 1298); o livro de Nicolao Veneto cujo testemunho Poggio Bracciolini relata no livro IV da sua obra *De varietate fortunae* (ca. 1445), encerrando ainda com a carta de 1492 de Jerónimo de Santo Estevão, outro mercador italiano.

No presente artigo, falarei sobre os dois primeiros textos referidos, procurando questionar-me porque terá querido Valentim Fernandes incluir numa mesma compilação estes dois testemunhos que distam cronologicamente quase dois séculos.

Palavras-chave: Polo, Marco (1254-1323?); Fernandes, Valentim (1450-1519); Literatura de viagens portuguesa – século XVI; Imprensa – Portugal – séculos XV-XVI; Viagens – século XIII.

Abstract: *The compilation Marco Paulo, printed by Valentim Fernandes in 1502, brings together three texts which constitute testimonies of medieval travelers in the East Indies: the book of Marco Polo (original version of ca. 1298); the book of Nicolao Veneto whose testimony Poggio Bracciolini reports in the book IV of his work De varietate fortunae (ca. 1445), ending with the Jeronimo de Santo Stefano's letter (1492), another Italian merchant.*

In this article, I'll discuss the first two texts referred to, looking for the reason why Valentim Fernandes decided to include in the same work these two testimonies which are chronologically distant nearly two centuries.

Keywords: *Polo, Marco (1254-1323?); Fernandes, Valentim (1450-1519); Portuguese Travel Literature – XVIth century; Press – Portugal – XVth-XVIth centuries; Travels – XIIIth century.*

«As descrições das cidades visitadas por Marco Polo tinham este dom: podia andar-se por elas com o pensamento, nelas podia perder-se, parar a apanhar fresco, ou fugir a correr. Com o passar do tempo, nos relatos de Marco as palavras foram substituindo os objectos e os gestos: primeiro exclamações, nomes isolados, áridos verbos, depois pedaços de frase, discursos ramificados e frondosos, metáforas e hipérboles».

Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis* (1990: 41)

A compilação *Marco Paulo*, impressa por Valentim Fernandes em 1502, reúne três textos que constituem testemunhos de viajantes medievais pelas Índias orientais: o texto propriamente chamado de *Marco Paulo*; o chamado *Liuro de Nicolao Veneto* e uma carta de 1492 de Jerónimo de Santo Estevão, outro mercador italiano.

O livro *Marco Paulo* constitui a versão portuguesa feita a partir da versão latina trecentista de Francesco Pipino, frade dominicano bolonhês, e também, como vim a provar, de uma versão veneziana; os outros dois textos terão sido traduzidos pelo próprio impressor.

No presente artigo, irei debruçar-me sobre os dois primeiros textos referidos, isto é, o célebre livro de Marco Polo que já constava na biblioteca do rei D. Duarte (“Marco paulo latim e lingoaJem em huû Volume”) e o livro de Niccolò di Conti (ou Nicolao Veneto). Quanto ao livro de Marco Polo, foi escrito não pelo viajante veneziano mas por Rustichello de Pisa, um seu companheiro de cela, enquanto prisioneiros pelos genoveses em 1298, no combate naval de Curzola. A obra retrata as relações económicas entre o Oriente mongol e o Ocidente cristão no último quartel do século XIII, mostrando que tanto viajavam mercadorias como homens, sendo Marco Polo (1254-1324) um testemunho único, dada a sua experiência singular na Ásia. Segundo Luis Albuquerque, até ao século XVI, «Polo seria a principal fonte em que beberiam todos os curiosos de conhecer a vida e os hábitos da corte do cã mongol; e aí havia de se instruir também Cristóvão Colombo, quando preparava o audacioso plano que o levou às Antilhas».

Quanto ao segundo texto, é relatado pelo veneziano Niccolò di Conti (ca.1395-1469), que empreendeu uma viagem entre 1419 e 1444 pelo Índico, num período de charneira entre duas épocas, a da abertura do Oriente aos viajantes ocidentais graças ao Império Mongol e a da chegada dos Portugueses à Índia e a sua conquista do mercado das especiarias no sudeste asiático. O humanista Poggio Bracciolini é o autor do livro de

Nicolao Veneto no livro IV da sua obra *De varietate fortunae* (ca. 1445), mostrando o seu interesse pelos conhecimentos geográficos, tentando esclarecer os textos antigos e dando a primazia a um testemunho directo, como é o daquele viajante veneziano por terras asiáticas.

Porque terá querido Valentim Fernandes incluir numa mesma compilação intitulada Marco Paulo estes dois testemunhos que distam cronologicamente quase dois séculos? Em primeiro lugar, apesar de a obra poliana ter constituído um sucesso de vendas medieval (e a prova são os cerca de 130 códices das suas diferentes versões), trata-se de uma narrativa que mistura história, relatos de viagem, aventura e fantasia. Em contrapartida, como diz Valentim Fernandes no seu prómio ao livro de Nicolao Veneto: «E nom pos mentiras nem marauilhas per elle fingidas mas ho certo que ho outro vio e tocou. como pessoa a que saber virtude discreçam e verdade aconpanhauam. E me moueo de tralladar e ajuntar ho presente liuro ao de Marco paulo». As informações transmitidas por Nicolao Veneto ao secretário pontifício Poggio Bracciolini, que o terá interrogado quer perante um auditório de homens sábios, quer na sua própria casa, e tendo-o considerado um homem sério e bem informado, não lhe deu a impressão de inventar mas de contar a verdade.

Vejamos, então, quão semelhantes são os dois textos, no que respeita aos factos por ambos abordados, analisando comparativamente alguns passos.

O primeiro apresenta uma ordem descritiva precisa ao longo dos 77 fólios e quase 200 capítulos que compõem a obra, dividida em três livros: em primeiro lugar, as divisões de cada província e a toponímia das principais cidades e regiões visitadas; em seguida, os produtos que constituem a riqueza das regiões; e, finalmente, o elemento humano sob diferentes perspectivas, sobretudo no plano das crenças e costumes.

Por seu lado, a primeira parte do livro de Nicolao Veneto ocupa-se mais das aventuras da viagem do mercador, enquanto a segunda oferece o quadro dos costumes dos habitantes da Ásia, passando pelas suas crenças e práticas religiosas, e ainda aspectos da fauna e da flora, nomeadamente das plantas aromáticas. Se olharmos para a estrutura temática dos 17 fólios do livro de Veneto, verificamos que os temas já anteriormente abordados por Marco Polo ocupam de forma substancial o livro do viajante do século XV.

No que respeita às cidades asiáticas, a obra poliana segue um plano descritivo quase fixo: riqueza - grandiosidade - beleza da cidade, o rei que a governa, as raças que nela habitam, a religião aí praticada, o que aí se fabrica e se vende. Mas a beleza da sua natureza exterior não é objecto de consideração, o que também sucede no livro de Nicolao Veneto. Ambos valorizam a obra feita pelos homens e, da paisagem que rodeia a cidade, apenas são descritas a ponte por onde se entra nela, a muralha que a cerca, a beleza dos seus edifícios e, nalguns casos, as relíquias que a santificam.

Bagdad e Bassora são cidades mencionadas pelos dois viajantes, dada a sua importância como entrepostos para os portos do golfo Pérsico, onde se empilhavam as mercadorias da Índia e da China. Ambos destacam a cidade de Pequim e nela o que mais os impressiona é a grandiosidade do palácio do Gram Cã Cublay, sobretudo no que se refere à sua fortaleza e a todos os meios aí existentes para a sua defesa.

Adem, situada no actual Iémen, é uma cidade também mencionada pelos dois mercadores, dada a sua posição estratégica relativamente às rotas marítimas da época, pois quase todas as especiarias destinadas ao Magreb e à Europa passavam pelas suas alfândegas. Marco Polo sublinha o facto, enquanto Nicolao Veneto prefere falar apenas da beleza dos edifícios da cidade. Ainda a propósito de Adem, o primeiro faz ainda referência ao facto de que «Em esta prouincia de Adem preegou ho bemaumentado apostolo sam Thome. que muitos pouoos conuerteo a Christo. E despoys se passou ao regno de Maabar», onde S. Tomé terá sido sepultado, sendo ambos os autores coincidentes neste ponto. As posteriores conversões terão dado origem a um cristianismo asiático, daí que «os moradores della som christãos (...) os quaes som espalhados per toda a India assy como antre nos os Judeos», como explica Nicolao Veneto no seu livro, e também Marco Polo em diversas passagens da obra.

A ilha de Ceilão, correspondente ao actual Sri Lanka, é descrita pelos dois viajantes medievais, sendo as suas dimensões exageradas por ambos os autores, como acontecia já desde a Antiguidade e que se ia repercutindo nos progressos cartográficos, através das estimativas dos marinheiros. Marco Polo, procurando conciliar as descrições hiperbólicas de fontes antigas com as da experiência, caracteriza-a como sendo «hũa das melhores e mayores ylhas do mundo. que ha em derrador duas mill e quorenta milhas. Empero que em outro tempo ja fosse mayor. porque segundo he a fama comuñ em aquellas partes. ho seu çerco abrangia tres mill e quinhentas milhas» (III, 22), e explica,

ainda nesse capítulo, todo dedicado a Ceilão, a razão do fenómeno, que conhecemos hoje por tsunami: «veeo huñ grande vento da parte do norte e assy fortemente per muytos annos com muy grande fortuna deu em a ylha. que muytos montes daçerca do mar cayrom em elle. e perdeose muyto da ylha. e os mares ocuparom os lugares da terra».

De resto, os dois venezianos destacam a sua riqueza em pedras preciosas. Na verdade, a ilha ocupava uma posição estratégica no comércio com o sul da Índia e com Malaca, sendo a sua riqueza em pedras preciosas mencionada e ambicionada desde a Antiguidade (ver ex. 2).

Ainda a propósito de ilhas, os dois venezianos mencionam a existência de ilhas masculinas e femininas, como lhes chama Marco Polo.

Tanto o livro deste como o de Nicolao Veneto sublinham ainda a existência de antropofagia em ilhas orientais perto de Ceilão. Em contrapartida, não deixam de apreciar o tipo de beleza da mulher oriental e o seu constante cuidado em satisfazer o homem, como refere Marco Polo (cf. ex. 3): «Alli eram guardadas molheres mançebas as mais fremosas do mundo» (I, 28) e Nicolao Veneto, em formulação mais circunstanciada: «E som muy prestes todallas molheres yndianas pera prouocar os homeês a luxuria». Este último observa ainda: «Em esta soo prouincia as molheres tomam quantos maridos querem. assi que alguñas dellas tem dez. e outras mais. pera comprir as suas vontades».

Também os rituais ligados à morte são mencionados longamente por ambos os autores. Assim, em comum, referem o facto de, no momento do falecimento de um parente, os indianos se cobrirem com sacos de papel pintados e tocarem instrumentos, como numa festa. Assim como os rituais funerários da cremação dos corpos, em que a viúva se lança ao fogo em que arde o marido, descritos em diferentes localidades, não os deixam de todo indiferentes.

O hábito da tatuagem dos corpos é visto igualmente com muita estranheza pelos viajantes, por se tratarem de pinturas coloridas que nunca mais saem, feitas por agulhas, segundo Polo, ou punções de ferro, segundo Veneto.

Por outro lado, um dos povos por quem ambos nutrem especial admiração é o dos Brâmanes, considerados bons pagãos e diferentes de todos os outros, reunindo uma série de capacidades e de qualidades dignas de registo, sendo algumas delas extraordinárias (vide ex. 4): são dados à meditação e às artes, são videntes e feiticeiros e, como refere N. Veneto, «som de honesta e sancta vida. e de muy boôs costumes», que Marco justifica por serem sinceros, castos, monogâmicos. Além disso, diz ele: «Elles se guardam muy bem de roubar e de leuar nenhuña cousa alhea. Elles nom bebem vinho. nem comem carne alguña. nem matam alimaria alguña». Ou seja, apesar da sua religião idólatra, cumprem, como afirma José Horta, regras de vida conformes aos valores cristãos.

Também é digno da admiração e de registo da parte de ambos a existência do papel-moeda no império mongol, bem mais desenvolvida e pormenorizada por Marco Polo, dada a sua prolongada estadia na China.

Embora não haja qualquer menção à beleza da natureza ou das paisagens que atravessavam, admiram-se com elementos da flora e da fauna exóticas, por lhes serem completamente desconhecidas.

Quanto à flora, é o caso das canas de bambu cuja dimensão em altura e diâmetro, bem como as suas diferentes aplicações, é salientada pelos dois autores. Também a existência de madeiras odoríferas como o linoaloés é digna de nota. Assim como a inexistência de vinho lhes desperta a atenção, e a sua substituição por outras bebidas feitas de cereais, nomeadamente de arroz.

No que respeita à fauna, salientam ter visto animais estranhíssimos que nos são hoje familiares, embora na altura fossem descritos como espécimes de difícil classificação, que ambos tentam identificar e nomear a partir da sua experiência como europeus. É o caso dos crocodilos, descritos como serpentes com pernas, rabo longo e cabeça grande. Mas a descrição mais curiosa é, sem dúvida, a do rinoceronte (vide ex. 5). Com efeito, em Java a menor, ou seja, Samatra, Marco Polo depara-se com um animal nunca visto. A partir das características do unicórnio e do porco montês, tenta estabelecer relações e, por aproximação, classifica o novo animal a partir das referências existentes. Mas terá verificado que a classificação feita não era a mais apropriada. Nicolao Veneto não lhe chama unicórnio mas alicórnio (forma protética de “licórnio” ou analogia zoomórfica e

lexical com “alifante”?), com o qual o compara, mas também ao elefante: «e na fronte tem huũ soo corno como o alicornio. porem mais corto e tem huũ couado em longo. tem a coor e grandura dalifante». Acrescenta à descrição poliana os poderes terapêuticos do corno do rinoceronte, cuja crença ainda subsiste no Oriente.

Na verdade, tudo o que é contado pelos autores venezianos toma sempre como referente ou como modelo o que conheciam na sua cultura e, por aproximação, classificam o novo a partir de referências existentes. Assim, mesmo as cidades mais remotas na sua vida e costumes são sempre comparáveis a Veneza, tal como a fauna e a flora das mais recônditas regiões às suas congêneres europeias.

É ainda relevante que ambos constatem a impossibilidade de ver as estrelas do hemisfério norte em terras orientais, nomeadamente a estrela Polar.

Por último, os dois viajantes contam como, num reino da China, os caçadores de diamantes utilizavam o método de subir a montes altos e perigosos, atirando carne para as aves de rapina, no intuito de que, ao apanhá-la, deixassem cair as preciosas pedras que eventualmente viessem a ela agarradas. Trata-se de uma lenda difundida pelos mercadores árabes que terá sido contada aos dois viajantes, a qual, segundo Guéret-Laferté, é narrada nas Mil e uma Noites, na «Segunda Viagem de Sindbad».

Albuquerque faz notar que aquele livro «oriundo da Pérsia, forneceu o material para os «Mirabilia» e ajudou os desenhadores de muitos planisférios medievais a embelezar os seus mapas». Paul Zumthor corrobora esta leitura dizendo que quer as legendas épicas, quer as monstruosidades das partes desconhecidas da Terra (e a Ásia é a zona do estranho por excelência) produzem uma literatura abundante e frequentemente ilustrada, e os viajantes captam muitas vezes a realidade através do mito. Assim, Rustichello de Pisa terá reintroduzido no texto alguns detalhes maravilhosos para, paradoxalmente, dar um efeito de maior verosimilhança. Acrescentando-lhe um tom de autenticidade, torna-o, assim, mais credível, uma vez que era tradição a inclusão de elementos fantásticos em obras que se inseriam no âmbito da chamada literatura de viagens.

Como se verifica pelos exemplos colhidos nos livros dos dois autores, poder-se-á dizer que Nicolao Veneto descreve de forma muito mais sintética os factos já detalhadamente relatados por Marco Polo, não recusando, porém, o maravilhoso que ainda aparece,

embora em muito menor escala.

Em síntese, podemos concluir que são óbvias as semelhanças entre as informações prestadas pelos dois venezianos, assim como significativo é o número de observações de sentido comum aos dois textos, apesar de estarem separados por quase dois séculos. E, como ficou demonstrado, não se trata de um caso de influência exercida por um relator sobre o outro. Valentim Fernandes terá incluído o livro de Nicolao Veneto na compilação, com a intenção de apoiar a veracidade, verosimilhança ou credibilidade da obra poliana por meio deste.

Além disso, é sabido que não eram raras na Europa as compilações miscelâneas reunindo textos que apresentavam alguma semelhança entre si. Porém, como verificou Luigi Foscolo Benedetto, que efectuou a primeira recensão sistemática do conjunto de testemunhos do livro de Marco Polo na introdução da sua primeira edição integral do texto franco-italiano, na maior parte das colectâneas onde se encontra o texto do viajante veneziano, este não só aparece normalmente no seu início, como também aparece, em muitos casos, no seu título.

De entre as miscelâneas com o livro de Marco Polo que Benedetto inventariou, destacamos propositadamente o manuscrito Vat. lat. 7317 da Biblioteca Vaticana que Benedetto descreve como uma «vasta raccolta miscellanea dovuta a mani diverse, destinata principalmente a radunare i materiali storici, religiosi e geografici (...)», acrescentando que a mesma inclui «il Liber Machometi e l'Epistola di Prete Gianni, il testo pipiniano del Polo». Diz que a obra foi terminada em 1458, sublinhando uma nota que nela se inclui e que também aparece num manuscrito parisiense.

Tal como este frade italiano, o impressor de Marco Paulo terá igualmente ratificado a obra poliana através da relação que quis estabelecer com o testemunho de Nicolao Veneto, ao incluí-los numa mesma compilação.

Poderia dar-se vários exemplos, entre as miscelâneas de manuscritos da Europa, sobretudo do século XV, que o autor italiano enumera de modo exaustivo. Há, no entanto, muitos casos em que a obra poliana foi manuscrita isoladamente. Mas analisando apenas as compilações que incluem a versão pipiniana do livro de Marco Polo, verifica-se que as obras que a acompanham não apresentam frequentemente

grande afinidade temática, cronológica, histórica ou geográfica. Assim, podem juntar-se-lhe autores tão díspares como Mandeville, Poggio Bracciolini, Petrarca, autores clássicos latinos, ou textos sem qualquer afinidade cronológica que vão da história de Alexandre Magno à epístola de Preste João.

Resta salientar o contexto histórico em que é publicada a compilação Marco Paulo, ou seja, seis dias antes da segunda viagem de Vasco da Gama à Índia. Se o navegador a levou consigo, como dizem alguns autores como, por exemplo, António Dias Farinha (2005), talvez por analogia com Colombo, que leu e anotou o texto poliano antes de empreender a sua viagem, não o pude documentar. E sobretudo, do ponto de vista tipográfico, é fundamental referir que se trata de uma das primeiras obras impressas em português em Portugal e com privilégio real.

Referências textuais

Exemplos	LIVRO DE MARCO POLO	LIVRO DE NICOLAO VENETO
(1)	«E ha em esta prouincia muytos judeos. que com ho ferro queente som signados em ambas as queixadas. Ho mayor Rey e os outros reys christãos viuem dentro na prouincia. mas os mouros moram em os regnos dos extremos da prouincia contra a prouincia de Adem. Em esta prouincia de Adem preegou ho bemaumentado apostolo sam Thome. que muitos pouoos conuerteo a Christo. E despoys se passou ao regno de Maabar. onde despoys que muytos conuerteo foy de martyrio coroadado. E alli he sepultado ho seu sancto corpo segundo em çima he ja dito.» (III, 43)	«Dally em diante se foy ho dito Nycolao a huã çidade de mill vezinhos chamada Malpuria que jaz em a costa do mar no segundo alem do ryo Indo. onde ho corpo de sancto Thome apostolo honrradamente foy sepultado em hũa ygreja grande e muy fremosa. E ally os moradores della som christãos chamados Nestorinos. os quaes som espalhados per toda a India assy como antre nos os Judeos. E toda esta prouincia he chamada Mahabar.»
(2)	«e he achada a ylha de Seylam que he hũa das melhores e mayores ylhas do mundo. que ha em derrador duas mill e quorenta milhas. (...) Em esta ylha som achadas pedras preçiosas a que chamam rubijs. que nom ha em outras terras. Ha hy outrosy muytas saphiras e topazeos e muytas amatistas. e outras muytas pedras preçiosas.» (III,22)	«No meo deste syno ou enseada he a muy nobre ylha Seylam. a qual tem tres mil milhas em redondeza. Em a qual se acham cauando rubijs. çaffiras. granadas e aquellas pedras a que chamam olhos de gato. Em ella naçe canella em grande auondança.»
(3)	«Em esta çidade cada huũ ydolatra pode auer .xxx. molheres ou mais. e isto se seus beês podem soportar.» (I, 49)	«Cada huũ daquelles homẽs quantas molheres quer toma pera comprar sua vontade (...) Em esta soo prouincia as molheres tomam quantos maridos querem. assi que algũas dellas tem dez. e outras mais. pera comprar as suas vontades.»
(4)	«onde viuem os Bramanos. os quaes muyto auorreem a mentira. que por cousa que fosse nom diriam mentira. Som outrosy muyto castos. e cada huũ se contenta de sua propria molher. Elles se guardam muy bem de roubar e de leuar nenhũa cousa alhea. Elles nom bebem vinho. nem comem carne algũa. nem	«Per toda a India ha hy huũ linhagem de filosofos chamados Bramanos. e todos som dados aa arte de astronomia. e estudam muyto pera saberem dizer as cousas que som por vijr. E som de honesta e sancta vida. e de muy boõs costumes. (...)»

	matam alimaria algũa. Som ydolatras. e seguem os agoyros. Quando querem algũa cousa auer ou comprar. primeiramente consijram a sua propria sombra no sol. e segundo as regras do seu error lhes dizem. assy proçedem em aquella mercadoria. Som muyto escassos no comer. e fazem grandes abstinências. som saãos muyto. (...)» (III,30) «Trazem consigo os mercadores feytiçeyros que os encantam. a que chamam Bramanos. (...)» (III,23)	«E se dam muito aa feytiçeira. assy que fazem vjir tempestades no aar quando querem. e as fazem hir ou tornar. (...)»
(5)	«Os vnicornios tem cabellos assy como bufaros. e os pees a semelhança de alifantes. e a cabeça como de porco montes. e sempre ha traz baixa pera terra. folgua muyto no lodo assy como porco. e he alimaria muyto çuja. E em meo da fronte tem huũ corno muyto grosso. e a lingoa tem espinhosa chea de mujtos espinhos e grossos. Com sua lingua fere muyto as outras alimarias e aynda os homẽs.» (III,15)	«Ha tambem em a dita terra hũa alimaria a qual tem a cabeça semelhante de porco. e ho rabo de boy. e na fronte tem huũ soo corno como o alicornio. porem mais corto e tem huũ couado em longo. tem a coor e grandura dalifante. com os quaes sempre tem guerra. E porque com aquelle corno saaram toda cousa poçonhosa. por ysso he auido em grande honrra.»

Estrutura temática do Livro de Nicolao Veneto (fólios 78 - 95 da obra *Marco Paulo*) ²⁷

Fólios 78r-79r: Proémio de Poggio Bracciolini.

Fóls. 79v-80r: Prólogo ao livro por Poggio Bracciolini.

Fóol. 80r: **I** – partida de Veneza e relato de episódio junto ao rio Eufrates; **Baldach** (descrição de Bagdad);

Fóol. 80v: **Balsera** (Bassora); Ormesa; Combaya: **cremação conjunta da viúva e do marido; gengibre**;

Fóol. 81r: Byzneguer: **poligamia e cremação; Mahabar: S. Tomé; cristãos nestorianos**;

Fóol. 81v: **aljôfar**; folhas de árvore multifuncionais; **Ceilão: pedras preciosas; canela; Brâmanes**; Andamania (Sumatra);

Fóol. 82r: **Antropofagia; pimenta**; cânfora; **ouro; cabeças cortadas** como tesouro;

Fóol. 82v: **Elefantes; Ganges: canas de bambu; ouro; prata; aljôfar; linoaloés**;

Fóol. 83r: Ava: o prazer sexual feminino; os elefantes e o cio;

Fóol. 83v: **Elefantes; tatuagens**;

Fóol. 84r: **Folhas de árvore em lugar de papel; hábitos alimentares; o alicórnio (rinoceronte); os bois**;

Fóol. 84v: Cathayo (**China**); **descrição de Pequim**; Neptay; **porto de Zeitom; inexistência de vinho; frutos**;

Fóol. 85r: **Java (2 ilhas): moradores e alimentação; punição dos devedores; poligamia**; jogo dos galos;

Fóol. 85v: Badam (Molucas): **papagaios**; Partida para Cyampa (**Vietname**): **cobras; crocodilos**;

Fóol. 86r: Cobras venenosas; esquilos voadores; árvores de fruto: a manga;

Fóol. 86v: Lenda de pescadores; Calecute: **especiarias**; poligamia (feminina): marcação das portas; Combaya: riquezas; fauna; os Bachalos: sacerdotes monogâmicos;

Fóol. 87r: Secutera: cristãos nestorianos; **ilhas masculinas e femininas**; Adem; Cairo;

regresso a Veneza.

Fól. 87v: **II – A Índia**: o rio Ganges; **hábitos dos habitantes**; *inexistência de vinho*;

Fól. 88r: Hábitos alimentares; *características físicas*; *vestuário*;

Fól. 88v: Penteados femininos; **poligamia**; **cerimónias funerárias**; **cremação dos corpos**;

Fól. 89r: **cremação**; **rituais fúnebres**;

Fól. 89v: **rituais fúnebres**; **os Brâmanes**;

Fól. 90r: Lenda árabe; **as estrelas do sul**; **descrição das embarcações**;

Fól. 90v: **os ídolos**; práticas religiosas hindus (o banho no rio Ganges; as festas religiosas);

Fól. 91r: Práticas religiosas hindus (festas religiosas);

Fól. 91v: Hábitos alimentares; **lenda árabe dos caçadores de diamantes**;

Fól. 92r: O calendário hindu; **a moeda e o papel-moeda**; hábitos guerreiros; a utilização de folhas de árvore como papel; hábitos de justiça;

Fól. 92v: Aspectos demográficos; **Java a maior**; árvore lendária;

Fól. 93r: Ave lendária (fénix); a abundância de peixes em Ceilão. Considerações de Poggio Bracciolini: **cristãos nestorinos na China**; as igrejas nestorianas;

Fól. 93v: **O imperador Gram Cã**; os viajantes-intérpretes: a curiosidade pela Etiópia e pela nascente do rio Nilo;

Fól. 94r: O Nilo: condições climáticas e qualidades da água; a Etiópia: a flora; a cerveja;

Fól. 94v: Riquezas; hábitos alimentares; longevidade da vida; costumes;

Fól. 95r: Fauna: os bois; **o rinoceronte**; outros animais;

Fól. 95v: A girafa; a avestruz.

Notas de rodapé

¹ Vide FAVIER (1968 : 81) : «É em 1271 que, tomando pela segunda vez a rota da China, os seus tios, os venezianos Niccoló e Matteo Polo, o levaram com eles. Quatro anos de viagem através da Ásia, quinze anos de trabalho ao serviço de Kubilay, nos escritórios da administração financeira e, depois, como intérprete de missões diplomáticas no Sudeste asiático, particularmente em Ceilão, deram a Marco Polo essa rica visão do mundo e dos povos que confere o excepcional interesse ao *Livro das Maravilhas*».

² Cf. ALBUQUERQUE (2001 : 130).

³ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 55).

⁴ Os testemunhos nas línguas franco-italiana, francesa e toscana foram recolhidos de Benedetto (1928). Os da língua veneziana foram fornecidos por Benedetto (1928) e confirmados por Barbieri e Andreose (1999). Os testemunhos em língua latina foram recolhidos de Dutschke, Consuelo Wager (1993) *Francesco Pipino and the manuscripts of Marco Polo's Travels*, Los Angeles: University of California. Os testemunhos em língua portuguesa foram recolhidos da BITAGAP (Austin e Sharrer).

⁵ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 78). É o que diz o próprio Poggio no início da primeira parte do seu livro: «Hunc ego audiendi cupidus (multa enim ab eo iam dicta praesenseram cognitione digna), et in doctissimorum uirorum coetu, et domi meae percunctatus sum diligenter plurima, quae operae pretium uisum est, ut memoriae et litteris traderentur (...) scite grautierque disseruit, ut non fingere, sed uera referre appareret».

⁶ Cf. HORTA (2004: 123).

⁷ Cf. ZUMTHOR (1993: 115).

⁸ *Ibidem*: (1993:111).

⁹ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 81, nota 10).

¹⁰ Os topónimos para designar a cidade são Cambalu (em M. Polo) e Cambaleschia (em N. Veneto).

¹¹ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 131, nota 129).

¹² Veja-se, de ora em diante, no ANEXO, os exemplos dos textos seleccionados dos dois autores para a sua análise comparativa. Sobre estas cidades, vide exemplo 1.

¹³ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 92, nota 37).

¹⁴ *Ibidem* (2004: 92, nota 38). «Aquellas pedras a que chamam olhos de gato» de que fala Nicolao Veneto são uma variedade cristalina de crisoberilo dotado de opalescência.

¹⁵ *Ibidem* (2004: 131, nota 128): «ces deux îles « mâle » et « femelle » sont mentionnées par un grand nombre de voyageurs (...) cette légende constitue une ramification du mythe des Amazones, repris en particulier au Moyen Âge par le *Roman d'Alexandre*».

¹⁶ Com efeito, é o estranho que dá medida do afastamento e é esta diferença do Outro que provoca a admiração do viajante medieval. O que ele vê e regista é a diferença, não a semelhança: «l'extraordinaire, le surprenant, souvent le haïssable, dimensions d'un espace inimaginable. Instinctivement, il redoute la ressemblance; il a peur d'être comme l'autre, d'être l'autre» [cf. ZUMTHOR (1993: 261)].

¹⁷ Cf. HORTA (2004: 131).

¹⁸ Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 158, nota 168). Segundo este autor, esta prática aparece no fim do século IX e tem pleno desenvolvimento no século XIII. A este propósito, veja-se o que dizem também FEBVRE e MARTIN (2000 : 99): «O próprio Marco Pólo, habitualmente tão atraído por todas as coisas, maravilha-se com as notas de banco em uso na China, mas não se apercebe que são impressas por meio de pranchas gravadas. Assim, pois, as possibilidades dessa técnica, que devia revelar-se capital para o desenvolvimento da Humanidade, parece terem escapado ao espírito de observação de numerosos viajantes, ou, pelo menos, nenhum achou por bem consigná-las por escrito».

¹⁹ MARILDA LOPES GINEZ DE LARA, “O Unicórnio (o Rinoceronte, o Ornitorrinco ...), a Análise Documentária e a Linguagem Documentária”, p. 2: http://www.dgz.org.br/dez01/Art_03.htm

²⁰ Em 1515, é publicada uma obra que marcou o percurso de Valentim Fernandes. Trata-se de

uma carta que o alemão enviou a um familiar. Nesta sua carta, «dá conta da chegada de um rinoceronte a Lisboa, fazendo a sua descrição, e dando informações sobre o Oriente e os descobrimentos» [Vide DIAS (1995: 41)]. Este rinoceronte ficou conhecido devido a uma ilustração de Albrecht Dürer, impressa pelo próprio Valentim Fernandes, e é considerado um marco da iconografia científica.

²¹ Cf. ALBUQUERQUE (2001: 241): «Mas nos séculos XV e XVI não se encontrava, como hoje não se encontra, qualquer estrela visível à vista desarmada que assinalasse a direcção do Pólo Ártico; e, como a Polar era a única que nas proximidades dele podia ser facilmente observada no céu, por ela tentaram os navegadores resolver a questão (...)».

²² Cf. GUÉRET-LAFERTÉ (2004: 156, nota 165).

²³ Cf. ALBUQUERQUE (2001: 135).

²⁴ Cf. ZUMTHOR (1993: 265). Como diz ainda Vergílio Ferreira, o que é “verosímil” corresponde ao que podia acontecer e «se justamente um conceito geral de um determinado género literário varia com o tempo, compreendemos que um conceito de “verosimilhança” varie também» [cf. FERREIRA (1972: 7)].

²⁵ Cf. LE GOFF (1990: 18): «Os *mirabilia* não são naturalmente apenas coisas que o homem pode admirar com os olhos, coisas perante as quais se arregalam os olhos (...) porquanto todo um imaginário pode organizar-se à volta desta ligação a um sentido, o da vista, e em torno de uma série de imagens e metáforas que são metáforas visivas». O autor refere ainda outro que o terá influenciado (1990: 21-22): «Os que até agora se pronunciaram sobre o maravilhoso parecem muitas vezes influenciados pela obra, aliás muito interessante, de Tzvetan Todorov, sobre a literatura fantástica, e em particular pela distinção que ele estabelece entre o estranho e o maravilhoso, em que o primeiro - o estranho - pode ser identificado pela reflexão, ao passo que o maravilhoso conserva sempre um resíduo sobrenatural que nunca conseguirá explicar-se senão recorrendo ao sobrenatural».

²⁶ Cf. (1928: CXLI): «Io Jacomo barbarigo ò leto questo presente libro di Marco paulo e trovato molte cose di quelle el dice essere vere e questo ratifico per relazione di ser Niccolo di Conti Veneziano el quale è stato gran tempo in quele parte de India e simelmente per multi mercadanti mori con i qual ò favelato. Amen Deo gratias».

²⁷ [NOTA: Os temas destacados a negrito são comuns a Marco Polo. Os distinguidos a negrito e a itálico são também abordados por Marco Polo mas noutros lugares das «Índias»].

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luís de (2001), *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- BARBIERI, Álvaro e ANDREOSE, Alvisé (1999) *Marco Polo Il «Milione» veneto – ms. CM 211 della Biblioteca Cívica di Padova*, Venezia: Marsilio.
- BENEDETTO, Luigi Foscolo (1928) *Marco Polo – Il Milione – Prima edizione integrale*, Firenze.
- DIAS, João José Alves (1995), *No Quinto Centenário da Vita Christi – Os primeiros impressores alemães em Portugal*, Lisboa: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- FARINHA, António Dias (2005) “Os Árabes nos antigos relatos portugueses do Índico”, *Finisterra*, XL, 79, pp.151-160.
- FAVIER, Jean (1980) *De Marco Polo a Cristovão Colombo. 1250 – 1492*, Lisboa: Publicações D. Quixote.
- FEBVRE, Lucien e MARTIN, Henri-Jean (2000) *O aparecimento do livro*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- FERREIRA, Vergílio (1972), «Da verosimilhança», *Colóquio / Letras*, nº 8, Julho/72, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GUÉRET-LAFERTÉ, Michèle (2004), *Poggio Bracciolini – DE L’INDE – Les voyages en Asie de Niccolò de’ Conti* (Texte établi, traduit et commenté), Turnhout, Belgium : Brepols.
- HORTA, José da Silva (2004) “O *Marco Paulo* (1502) de Valentim Fernandes: a representação dos povos não-cristãos na construção de uma imagem do poder real manuelino”, *HOMO VIATOR, Estudos em homenagem a Fernando Cristóvão*, Lisboa: Edições Colibri (pp. 109-134).
- LE GOFF, Jacques (1990), *O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval*, Lisboa: Edições 70.
- PEREIRA, F.M. Esteves (1922) *Marco Paulo: o Livro de Marco Paulo – o Livro de Nicolao Veneto – Carta de Jeronimo de Santo Estevam*, Lisboa: Ofic. Gráf. da Biblioteca Nacional.
- ZUMTHOR, Paul (1993) *La Mesure du Monde*, Paris: Seuil.

Referências electrónicas

MARILDA LOPES GINEZ DE LARA, “O Unicórnio (o Rinoceronte, o Ornitorrinco...), a Análise Documentária e a Linguagem Documentária”: http://www.dgz.org.br/dez01/Art_03.htm

MARIA HELENA GARVÃO, O livro Marco Paulo impresso por Valentim Fernandes : genealogia textual, leitura tipográfica e aspectos discursivos, Repositório da Universidade de Lisboa.



O trabalho NAUS – Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).